



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ANDRÉ LUÍS DO BÚ LUCENA

**FRAGMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DE JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO NA
DITADURA MILITAR (1964- 1973)**

**CAMPINA GRANDE
2022**

ANDRÉ LUÍS DO BÚ LUCENA

**FRAGMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DE JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO NA
DITADURA MILITAR (1964- 1973)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L935f Lucena, Andre Luis do Bu.
Fragmentos da representação de Josué Apolônio de Castro na Ditadura Militar (1964- 1973) [manuscrito] / Andre Luis do Bu Lucena. - 2022.
21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti , Departamento de História - CEDUC."

1. Fome. 2. Exílio. 3. Ditadura Militar. I. Título

21. ed. CDD 981.063

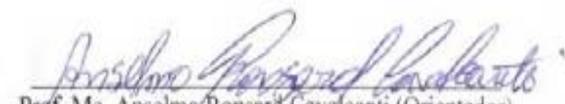
ANDRÉ LUÍS DO BÚ LUCENA

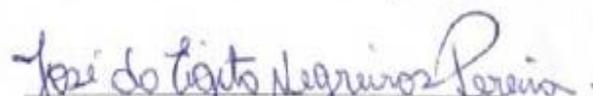
**FRAGMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DE JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO NA
DITADURA MILITAR (1964- 1973)**

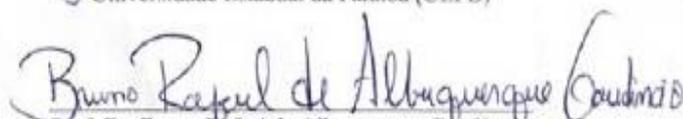
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em História.

Aprovado em 30/ 06/ 2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. José do Egito Nogueiros Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Ecit Elpidio de Almeida

*“Não se morre só de enfarte, ou de glomero-
nefrite crônica... Morre-se também de
saudades...” (Josué de Castro, s/d).*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO: <i>Caminhos</i>	8
3 REPRESENTAÇÕES DE JOSUÉ DE CASTRO	10
4 O IMPACTO DA DITADURA NO COTIDIANO DE JOSUÉ DE CASTRO	12
5 METODOLOGIA	16
6 CONCLUSÕES	17
REFERÊNCIAS	18
ANEXOS	19
ANEXO A – Repercussão da morte de Josué de Castro	19
ANEXO B – Anúncio de indicação ao Prêmio Nobel.....	20
ANEXO C – Anúncio de Cassação de Direitos Políticos.....	21

FRAGMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DE JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO NA DITADURA MILITAR (1964- 1973)

André Luís do Bú Lucena¹
Orientador Anselmo Ronsard Cavalcanti²

RESUMO

A imagem de Josué Apolônio de Castro permanece opaca diante da imensidão de sua representatividade, buscamos neste trabalho desvendar facetas ainda inexploradas desse ilustre cientista que em determinados momentos se oculta diante do agito acadêmico, a necessidade da exposição de seus ideais faz com que tenhamos a oportunidade de avançar e regredir décadas fazendo um tour histórico, nosso objetivo parte da inquietude de entender as diferentes representações de Josué na história. Parte de nossas inquietações se difundem através de perspectivas comparativas entre a relevância que Josué e sua obra tinham no cenário cronológico descrito no título em seu país e em partes do globo. Metodologicamente construímos nossa pesquisa a partir da análise documental e bibliográfica, partindo de recortes de jornais, cartas e panfletos referentes a Josué. Teoricamente nosso apoio vem do conceito de representação disposto por Roger Chartier (1994) para pensar como este homem, nobre intelectual, permeia diferentes espaços, que englobam o imaginário social e acadêmico. Com base nas concepções de Farge (2009) buscamos olhar para o arquivo como uma brecha do passado imprescindível em nosso estudo. Essa pesquisa visa permear premiações, cargos, mandatos e serviços prestados, bem como serviços que não lhes foram permitidos prestar, de modo que com a cassação de seus direitos políticos pelo AI-1, a ditadura militar no Brasil inibiu sua atuação de forma mais incisiva em solo nacional.

Palavras- chave: Josué de Castro. Fome. Exílio. Ditadura Militar.

ABSTRACT

The image of Joshua Apolonium de Castro remains opaque before the immensity of his representativeness, we seek in this work to unveil still unexplored facets of this illustrious scientist who at certain moments hides in the face of academic bustle, the need for the exposition of his ideals makes us the opportunity to advance and regress decades by making a historical tour, our goal is part of the restlessness of looking at the different representations of Joshua in history. Methodologically we built our research from the documentary and bibliographic analysis, starting from newspaper clippings, dispatches, letters and pamphlets referring to Joshua. Theoretically we rely on the concept of representation arranged by Roger Chartier (1994) to think how this man, noble intellectual, permeates different spaces, which encompass the social and academic imaginary. Based on Farge's conceptions (2009) we seek to look at the archive as a breach of the past indispensable in our study. This research aims to permeate

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (Campus I – Campina Grande). E-mail: andreluisdobu@hotmail.com.

² Professor mestre do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (Campus I – Campina Grande). E-mail: anselmo.ronsard@yahoo.com.br.

awards, positions, mandates and services rendered, as well as services that they were not allowed to provide, so that with the impeachment of their political rights by AI-1, the military dictatorship in Brazil inhibited its action more incisively on national soil.

Keywords: Josué de Castro. Hunger. Exile. Military Dictatorship.

1 INTRODUÇÃO

O pernambucano Josué Apolônio de Castro nasce em 5 de setembro de 1908 no Recife, considerado figura ímpar e pioneira no estudo da fome no Brasil teve uma vasta frente de atuação no flagelo da inanição, inicialmente clinicando e atuando na área acadêmica de pesquisa, a priori obteve visibilidade e notoriedade com seu estudo “As condições de vida da classe operária no Recife: Estudo econômico da sua alimentação” (CASTRO, 1935), seu legado na história do Brasil se expandiu e não coube apenas no âmbito social, migrando para o campo político.

Josué exerceu dois mandatos de deputado federal entre 1955 e 1959 propondo e debatendo pautas que comungavam com sua obra e projetos, as proposições também atendiam as necessidades das populações agrícolas de modo que o incomodo causado por Josué as elites impactava em suas reivindicações frisando o contexto do combate ao latifúndio e a monocultura, financiamento capital por parte de bancos proporcionando condições necessárias para o plantio e a manutenção tributária para os pequenos agricultores familiares onde a produção era equivalente a sua subsistência, além de outros cargos ligados a ONU, como a Associação Mundial de Luta contra a fome (ASCOFAM) e o Centro Internacional para o Desenvolvimento, em que foi fundador e diretor até o ano de sua morte.

O seu incansável trabalho de pesquisa acadêmica e de campo lhe rendeu uma vasta obra que reúne ensaios, livros e uma novela denunciando um tema que para época era tangenciado dos centros de debate, o tabu da fome que tanto o incomodava foi exposto através de livros reconhecidos, premiados e traduzidos mundialmente, é pertinente atrelarmos seu trabalho intelectual com sua atuação política, tendo em vista que uma de suas obras “Geografia da Fome” (CASTRO, 1946) evidenciou e incitou esse flagelo, a ruminação intelectual voltada ao tema lhe rendeu reconhecimento no cenário nacional com o Prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras (1946) e estímulo para que novos caminhos, obras e prêmios surgissem como o Prêmio Roosevelt da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, munido de coragem Luís da Câmara Cascudo traduz o que uma das faces que Josué expressava nas seguintes palavras.

Josué de Castro está, com um atrevimento que merece sucesso, atravessando uma mata cheia de encantamento e de mistério confuso. Chegando do outro lado, deixou, nas pegadas, a picada que a marcha fará uma estrada real. Volumosa é a sua tarefa. Desejo intelectual onde a imaginação pouco colabora: muito livro para ler, muito mundo para ver, muito escuro para clarear. (Cascudo, 1947 *apud* FERNANDES e GONÇALVES, 2007, p.79).

Diante disso é pertinente traçarmos um paralelo atrelando o relato de Câmara Cascudo com uma análise de uma das obras de Josué, “Homens e Caranguejos” apresentando configurações que permeiam o campo do imaginário social, o misticismo do qual Cascudo se refere tem traços implícitos que comungam de fatos representativos onde o personagem do livro e o próprio Josué se inserem em um mesmo contexto, entre sobrados e mocambos.

O meio da música proporcionou um contato inesperado com Josué de Castro, através da banda Chico Science e Nação Zumbi soubemos da existência de Josué, desse modo, não nos saciamos com pesquisas rasas até ganhar de presente um exemplar de sua obra, nos debruçando sobre ela sentimos a necessidade de explorar faces não visitadas dele, fomos nos ressignificando acerca do ofício que escolhemos, encaramos a história de Josué como um norte cotidiano do fazer histórico, fugindo da monotonia diária, através de seu legado encontramos um sentido que contextualizasse toda a querela histórica que somos condicionados a pensar. Mesclando literatura, desigualdade social, história e política, seus textos nos prenderam com um sentimento ufanista que desembocou nas linhas aqui escritas.

Com o intuito de analisar por quais caminhos Josué percorreu, faremos algumas análises e interpretações de seus estudos, bem como avaliar possíveis fatos e consequências de sua vida pessoal que motivaram uma vida dedicada a questão da fome, tendo em vista as motivações desse trabalho, alguns questionamentos surgiram acerca de seu cotidiano familiar desde sua infância até seus últimos dias. Essa pesquisa visa permear premiações, cargos, mandatos e serviços prestados, bem como serviços que não lhes foram permitidos prestar, de modo que com a cassação de seus direitos políticos pelo AI-1, apresentam apenas uma face da destituição de seu trabalho, a castração do direito da população em gozar do acesso a sua obra é retratada através da censura imposta pelo regime, onde suas obras são banidas das universidades e a imprensa é vedada de protagonizar seu nome.

Historicamente percebemos a insistência do problema da fome, de modo que as camadas mais atingidas são as que possuem menor poder aquisitivo, assim, ocupando o campo que permeia sua condição financeira e suas prioridades observamos que apesar de títulos, premiações e relevância social Josué nunca se deixou seduzir por trivialidades ligadas ao que o capital pode proporcionar, Teresa Sales problematiza em sua obra um trecho da entrevista a Pedro Rocha em 1964 um recorte da entrevista em que a maneira de Josué lidar com tal situação fica evidente “Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da sociedade enquanto a cabeça martelava com o problema da fome de tanta gente, o ciclo do caranguejo” (CASTRO, 1964 *apud* SALES, p.73, 2014).

Nesse sentido podemos exemplificar suas reivindicações relacionadas as condições sociais e econômicas que os operários do Recife eram submetidos

Os doentes não tinham uma doença definida, mas não podiam trabalhar. Eram acusados de preguiça. No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões. “Sei o que meus clientes tem. Mas não posso curá-los porque sou médico e não diretor daqui. A doença dessa gente é fome... pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social (CASTRO, 1964 *apud* SALES, p.75, 2014).

De forma contundente observamos que Josué já importunava os mais abastados e décadas antes da Ditadura já era silenciado por quem usufruía de privilégios às custas da fome alheia. Nos questionamos então, “até que ponto se faz necessária a obra de Josué de Castro ser analisada à luz de estudos problematizadores para as ciências políticas, ambientais, ou até mesmo da área da natureza?”

Nosso recorte temporal perpassa a Ditadura Militar, iniciada em 1964 e finaliza nos idos de 1973 como marco da morte de Josué de Castro. Trabalharemos com o conceito de representação disposto por Roger Chartier (1994) para pensar como esse cidadão, exímio intelectual, ocupa diferentes espaços, que se insere no imaginário social e acadêmico, sua representatividade incisiva no cotidiano pernambucano se justifica nos parágrafos anteriores quando citamos a importância de sua figura retratada no meio político e acadêmico, desse modo,

percebemos sua memória viva difundida em diferentes contextos sociais proporciona a manutenção de suas ideias e reverbera seu trabalho não apenas no campo científico, o lado humano de Josué que é enaltecido desde a escolha de suas profissões e se perpetua em sua obra se sobrepõe aos títulos e se legitima através de serviços prestados, analisarmos esse fato não caracteriza uma distância do centro acadêmico nem uma negligência intelectual, entretanto, ecoa uma face de seu caráter humanista que Jorge Amado faz questão de expor no documentário “Josué de Castro – Cidadão do Mundo 1994”³, “*Ele era apenas um brasileiro, um grande brasileiro, um cientista, um escritor, um homem público devotado a sua pátria, ao seu povo, aos pobres do Brasil. Sabia da injustiça, sabia das nossas mazelas, sabia da fome, e como ele sabia da fome*”.

Sendo assim, no presente artigo, nos propomos a falar sobre as nuances da vida de Josué de Castro e suas representações, compreendendo sua importância para a historiografia brasileira e para a sociedade em si.

2 JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO: *Caminhos...*

Em nossa pesquisa por meio dos arquivos e acervos que visitamos compreendemos que em todos os caminhos percorridos por Josué, ele buscou dedicar seu tempo aos problemas do Recife e do mundo, captando as primeiras informações dos manguezais onde ele afirma “Minha Sobornne foram os mangues do Recife” (Revista Manchete, n625, p.38 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.38) e posteriormente de renomados colégios e universidades que frequentou como o Instituto Carneiro Leão, a Faculdade de Medicina da Bahia, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Universidade do Brasil, ambas e respectivamente o proporcionam as graduações de Medicina e Filosofia, teve sempre como norte a fome e denunciou esse flagelo com certo pioneirismo, não aceitava que esse problema escancarado fosse tratado de forma justificada, passiva e natural.

Incomodado ele repelia o conformismo social e estatal que comungavam com a perspectiva da fome como sendo um tema proibido, uma mazela a ser encoberta, ele provoca autoridades desvendando do tabu da fome em suas várias perspectivas a exemplo dos conceitos de fome endêmica e epidêmica, que ele usa como norte para contestar a ideia da fome como um fenômeno natural comprovando sua tese na obra Geografia da Fome (1946) onde ele faz um roteiro da fome, demonstrando que ela se apresenta não apenas no déficit calórico, mas também na carência nutritiva sinalizando que a inanição não é o único problema fisiológico enfrentado pelo organismo.

Segundo Barbosa de Lima Sobrinho em entrevista presente no documentário “Josué de Castro – Cidadão do Mundo, 1994”, “*o sentimento Brasileiro na época de Josué era Ufanista em relação a fome, desse modo ele faz um breve paradoxo relacionando o livro Geografia da Fome a Carta de Pero Vaz, evidenciando um pioneirismo no debate da fome no Brasil*”, atenuar esse fato é mais um indicativo acerca da necessidade do debate histórico relacionado a essa figura indispensável para historiografia do Brasil.

Josué Apolônio de Castro nasce em 1808 no Bairro da Madalena, porém, seu corriqueiro cotidiano foi permeado por uma dualidade de vivências significativas em sua formação, filho de Manuel Apolônio de Castro, leiteiro que foge da grande seca e no trajeto conhece Josefa Carneiro que vindo de uma família aristocrata de Pernambuco concebe sua prole no Recife.

Josué retrata o início de sua trajetória expondo sua relação com os pais em entrevista concedida a Pedro Bloch (1964) e relata de onde veio seu interesse pelo tema da fome “*Meu interesse pela fome não vem do que aprendo nos livros, mas porque aprendi a ver com os olhos*

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFzNV08KIKg>

do meu pai, na universidade, naquele tempo, não havia a ciência da alimentação” (Castro, 1964 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.39) O empirismo contido nessa afirmação nos ajuda a compreender o lado sensível e humano de Josué, a perspectiva de mundo apresentada por ele em suas relações pessoais demonstra um interesse que não fica circunscrito ao campo profissional, ele afirma “*Não há intolerância em nada que faço*” (Castro, 1964 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.39).

Expondo sua dedicação a paz e preocupação com a vida. Abordando outra característica de sua formação, observamos que seu caráter intelectual apresenta metamorfoses em sua jornada, de fraco e arredo aluno no colégio Francês Chateaubriand ao melhor aluno do Colégio Carneiro Leão, ele carrega fragmentos do estímulo materno aos estudos, Josué morava com a mãe e estudava com ela que era professora, ele relata inclusive que não se tornou médico por vocação, mas para realizar um sonho da mãe (Castro, 1964 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.40).

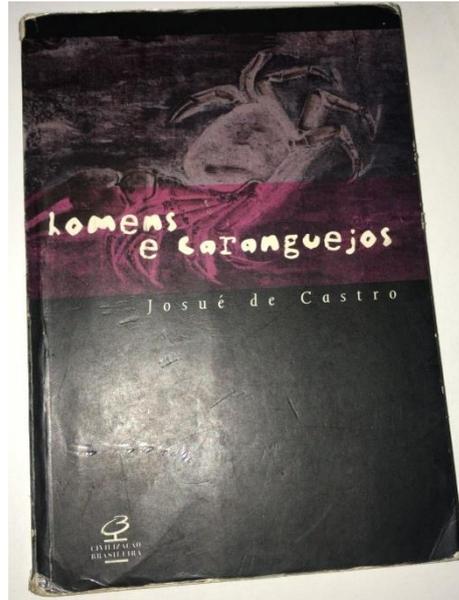
Lista 1: Principais Obras de Josué de Castro

O problema da alimentação no Brasil: seu estudo fisiológico (1932)
Alimentação e raça (1936)
A alimentação brasileira a luz da geografia humana (1937)
Fisiologia dos tabus (1938)
Geografia humana: estudo da paisagem cultural do mundo (1939)
Geografia da fome: o dilema Brasileiro, pão ou aço (1946)
Geografia da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo (1951)
A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana (1954)
Ensaio de geografia humana (1957)
Ensaio de biologia social (1957)
O livro negro da fome (1960)
Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva (1965)
Homens e caranguejos: [romance] (1967)

Fonte: Livro “Josué de Castro” organizado por Melo e Neves (2007), p.286.

A lista acima é o compilado de obras produzidas por Josué de Castro, antes e durante os primeiros anos da Ditadura Militar ele se propôs a falar da geografia da fome em nosso país e no mundo, e assim o fez. Ao longo da pesquisa, analisamos em alguns momentos partes do livro “Homens e caranguejos”, sua última obra, publicada em 1967:

Figura 1: Capa da obra “Homens e caranguejos”



Fonte: Acervo do autor.

Esta obra de Josué de Castro é de suma importância para os estudos ambientais, políticos, da natureza e das humanidades, tendo em vista que o livro trabalha com o arquétipo do homem que vive a base de caranguejo, de uma sociedade que se mantém dentro de padrões de fome, miséria e sofrimento. É o retrato da situação de boa parte da sociedade brasileira e descrito em forma de romance, uma obra que não pode passar despercebida pela comunidade acadêmica, assim como seu autor.

3 REPRESENTAÇÕES DE JOSUÉ DE CASTRO

Sua obra é repleta de contextos atemporais que podem ser analisados de acordo a necessidade e o aspecto da época, tomando as devidas precauções para evitar o anacronismo, percebemos que o saber histórico presente em seu trabalho gera impactos para o cotidiano e trivialidade do dia a dia, o choque causado por guerras acarretam debates fervorosos a assuntos que se relacionam a ela.

Josué percebe que o tema da fome não faz parte das prioridades discutidas nas primeiras décadas do século XX e de maneira brilhante une a emergência da inanição com o terror espalhado pelas guerras, com essa tática ele consegue unificar os temas obtendo êxito em sua denúncia, essa evidencia é apontada quando pensamos um trecho do livro “Geografia da Fome” remetendo a um levantamento acerca do número de indivíduos que pereceram de fome na Revolução Russa de 1917, a exposição dessa citação pode ser encarada de modo que a indignação seletiva motivadora de mudanças sociais que ocorrem após as guerras são vistas antes mesmo delas acontecerem

Quanto a fome, foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa -Nas quais pereceram dezessete milhões de criaturas dos quais doze milhões de fome, para que a civilização ocidental acordasse de seu cômodo sonho e se percebesse de que a fome é uma realidade demasiado gritante e extensa, para ser tapada com uma peneira aos olhos do mundo (CASTRO, 1960, p.31).

Além de uma flexibilidade cronológica percebida em seus textos, eles se apresentam de modo interdisciplinar, fluindo entre disciplinas e fontes iremos perceber a emergência de seu tema em letras de músicas, movimentos culturais, contextos políticos e debates sociais. Em nosso estudo as pensamos a partir da noção de Chartier (1994), que as define em duas:

[...] uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida e resistente que cada comunidade produz de si; a outra que considera o recorte objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (VENANCIO, 2014, p. 295).

Tais formas de representação nos levam a crer na ambivalência de como ele se inscreveu no mundo acadêmico e político. No documentário “Josué de Castro -Cidadão do Mundo, 1994” Darcy Ribeiro ressalta

Ninguém tem ideia hoje da importância de Josué, na década de 50, 60, a importância dele era tão grande que haviam cinco personagens importantes da humanidade que tinham que estar reunidos quando a ONU fizesse alguma coisa ou quando houvesse alguma coisa, entre essas pessoas três eram indispensáveis, Lor Boyd Orr, Bertrand Russell e Josué de Castro (Darcy Ribeiro, em documentário – Cidadão do Mundo, 1994).

Sendo assim, nosso debate está permeado através de suas correntes ideológicas, a problemática ficará entorno de sua representatividade quanto a seus colegas de trajetória, seu legado deixado após seu óbito, correntes de pensamento, movimentos culturais, artísticos, sociais e políticos que se moldaram diante de sua obra, Nascimento (2017, p. 193) compreende que “a Cultura permeia a sociedade e se expressa por sistemas de representação e atos, pensar como ocorre a circulação é um meio para se pensar a condição de práticas culturais por meio da multiplicidade das relações culturais”, assim pretendemos ressaltar os fragmentos de representação de Josué.

Esse texto almeja discutir suas influências, não se limitando a uma corrente temporal configurada de acordo com a cronologia convencional de modo que como citamos no primeiro parágrafo a flexibilidade de seu trabalho nos permite viajar no tempo de forma livre, sem nenhuma ancora, que limite a amplitude de seu debate.

Figuras que dividiram salas de aula, laboratórios, palanques e salas de reuniões expõem características de Josué em documentários e entrevistas, que tangem a monotonia do debate acerca de sua figura, e diante da exposição de tais relatos poderemos fazer paralelos e pontes acerca de sua figura pessoal, subjetiva e implícita e desmistificar suposições que permearam o imaginário social e político da época. Essa exposição impulsionou a escrita da nossa pesquisa, abordando o contexto de seu exílio.

Buscamos trazer ao leitor um aporte acerca do processo de ditadura no Brasil, mais precisamente em Pernambuco no tópico que segue, desvendando como e onde Josué se encaixa nessa história, assim desvendando um dos motivos de sua morte. Cartas, correspondências e notícias de jornais nacionais e internacionais nos auxiliaram a entender um dos momentos de maior vergonha internacional que o Brasil atravessou.

Escolhendo a França para seu exílio, nunca escondeu sua vontade de retornar a suas origens, como sempre fez e não só em relação ao seu país de origem, Pelópidas Silveira em documentário – Cidadão do Mundo, 1994 fala que “*nos retornos de suas atividades*

internacionais, um dos programas que Josué gostava de fazer no Recife era passear pela cidade, visitar o mangue”, esse saudosismo pulsante evidenciava quase uma necessidade fisiológica de retornar aos seus primórdios.

Por fim, enalteceremos com méritos sua partida e problematizaremos os impactos da notícia em diferentes partes do globo, desvendar a memória do país, quanto da dissipação da notícia de sua morte nos ajuda a entender o motivo da inibição ao conhecimento de seu nome e sua obra.

4 O IMPACTO DA DITADURA NO COTIDIANO DE JOSUÉ DE CASTRO

“A fome é um problema político, nem capitalista nem comunista, mas, uma outra coisa, um dia é possível que a sociedade em conjunto se constitua como organismo único. Os ingredientes da Guerra são o ouro e as bombas atômicas, o ouro acumulado à custa do sofrimento e miséria de dois terços da humanidade e as bombas produzidas pela aplicação perversa da ciência a serviço da destruição e da morte, os ingredientes da paz são o pão e o amor” (Josué de Castro, em documentário – Cidadão do Mundo, 1994).

Através dessa citação podemos interpretar o contexto que proporcionou a emergência do governo autoritário responsável pelo exílio de Josué, o desenvolvimento da polarização no país representa uma cronologia que é interpretada desde os primeiros anos da instauração da república no Brasil, Josué se insere nesse contexto com sua proximidade a Getúlio Vargas, uma sucessão de fatos como a Intentona Comunista⁴, fizeram com que o medo do terror vermelho contagiasse a população que inflamada pela mídia e alas conservadoras da igreja expurgasse toda sua desconfiança em indivíduos taxados inimigos da pátria, um deles era Josué.

Essa proximidade com Vargas proporcionou pretextos que encaixavam Josué dentro da fala de Jorge Amado, onde a ditadura o taxava de subversivo e comunista, mesmo em momentos e configurações políticas e sociais distintas, o governo militar usa a história em seu favor condenando todos que de alguma forma tivessem relacionados à esquerda no Brasil, de modo que assim como a intentona comunista serviu de bode expiatório para um golpe, o medo comunista dissipado no âmbito social usa o benefício da ignorância da população que exala seu ódio em uma camada de intelectuais que diferente da infame parcela militar, contribuem para o progresso do país.

Presente no comício de 13 de março de 1964, ocupando um espaço dentre aproximadamente 150 e 200 mil pessoas, esperançoso tinha em mente que a perpetuação do projeto de governo de Jango representaria um alívio a crise social, política e econômica que assolavam a população, não podia estar mais equivocado, as reformas de base que proporcionavam um brilho em seu olhar foram frustradas após o golpe.

A iminência golpista atingiu Josué mesmo afastado de suas funções políticas, no ano de 1962 sob tutela ainda do governo de Jango, Josué se torna embaixador Brasileiro junto à Organização das Nações Unidas, sendo esse seu último cargo oficial ligado as representações

⁴ Movimento que ocorreu entre os anos 1935 e 1936, no recorte da Era Vargas, foram protestos de cunho revolucionário efetuados por membros do exército nacional.

dos interesses Brasileiros, após alguns dias do novo regime, ele tem seus direitos políticos castrados.

A privação dos direitos foi imposta através o Ato Institucional Número 1, ou AI-1, o infortúnio político que vigorava no país fez com que o então Presidente da Câmara dos Deputados Ranieri Mazilli assumisse as rédeas governamentais enquanto novas eleições presidenciais não eram convocadas, entretanto, uma junta militar formada pelo Tenente-brigadeiro Francisco de Assis de Melo, o General Artur da Costa e Silva e o Almirante Rademaker são os precursores da oficialização do Ato institucional, a prerrogativa que justificava tal atitude está imbuída na configuração de um zelo pela segurança nacional, voltamos ao ponto da polarização onde características semelhantes as utilizadas pelo plano Cohen asseguraram o apoio da população, assim, além de Josué outros companheiros de trajetória buscaram apoio e exílio em outros países como Darcy Ribeiro, Francisco Julião, Pelópidas Silveira e Leonel Brizolla.

Josué banido da convivência no Brasil escolhe a cidade de Paris para seu exílio, porém outros países demonstraram interesse em receber sua ilustre presença, em 18/04/1964 “O Jornal” publica a seguinte notícia

A Universidade do Chile convidou hoje para fazer parte de seu corpo docente o ex-reitor da Universidade do Rio de Janeiro Anísio Teixeira e os professores Josué de Castro e Celso Furtado que foram privados de suas garantias políticas pelo novo governo do Brasil (O Jornal, 1964).

Essa notícia representa como o subversivo governo do país negligenciava autoridades intelectuais apenas por discordâncias ideológicas, com uma medíocre “justificativa” punentes pensantes que se preocupavam com a nação, observamos esses traços em Josué através de uma entrevista de Alexandre Bandeira de Melo com Plínio Arruda Sampaio ele expõe a aflição de Josué relacionada a conjuntura do país

Eu me encontrei com ele em quando estava exilado. Isso foi em 1966 ou 1967, logo no começo do meu exílio.... E toda conversa girou sobre o problema da Ditadura no Brasil, o que ela estava representando, o que significava em termos de um atraso muito grande para o país, etc. A gente sentia no Josué um homem preocupadíssimo como o Brasil, e entristecido por não estar aqui. (Alexandre Bandeira de Melo, 2005 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.273).

Gradativamente a ditadura o maltratava mesmo a distância, porém, Josué entendia que quem representava o Brasil naquele momento era destituído de representatividade empática com sua própria nação e novamente representando seu lado humano ele não generalizava a responsabilidade de sua tristeza, continuou trabalhando, produzindo e sonhando com o dia em que voltaria a morar no Brasil.

Sua atuação após o exílio não permeia apenas o âmbito político, de forma saudosista ele publica a obra *Homens e Caranguejos*, implicitamente ele expõe uma face sobre a necessidade de fazer apontamentos acerca de seu sentimento, podendo ser interpretada em forma de novela a obra contém diferentes e importantes aspectos sociais ligados a interações hierárquicas presentes no cotidiano do protagonista representado no livro, as relações presentes narram convivências com sua família, vizinhos e até com o padre, outra característica importante a ser ressaltada é que mesmo sendo ateu sempre cultivou relações importantes com lideranças religiosas, a exemplo de Dom Hélder Câmara que não poupa elogios a Josué no Documentário

Josué de Castro – Cidadão do Mundo de 1994. Sobre o contexto de repressão que foi lançado o livro:

O jornal também avisava que o ruim tinha piorado. Às 10:00 da noite de 13 de dezembro de 1968 o ministro da justiça, Gama e Silva, em cadeia nacional de rádio e televisão, gera uma rápida introdução de 5 minutos e passara a palavra Alberto Curi, que durante 18 minutos já havia apresentado, num tom monocórdico e solene, o texto do Ato Institucional nº 5. O documento contava 12 artigos e vinha acompanhado de um ato complementar número 38 que fechava o congresso nacional por tempo indeterminado. O AI 5 suspender a concessão de habeas corpus e as franquias constitucionais de liberdade de expressão e reunião, permitia demissões sumárias, cassações de mandatos e de direitos de cidadania, e determinava que o julgamento de crimes políticos fosse realizado por tribunais militares, sem direito a recurso. O imposto ao país uma conjuntura de inquietação política e movimentação oposicionista: manifestações estudantis, greves operárias, articulações de lideranças políticas do pré-1964 e o início das ações armadas por grupos da esquerda revolucionária. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p.455).

Homens e Caranguejos é escrito em 1966 e publicado em 1967, através de um cronologia estreita o país que já estava submerso em repressão e retaliação se insere em um buraco mais fundo como a citação assim exemplifica, o sonho de Josué voltar para casa ficava mais distante, percebemos outra vez nas entrelinhas de seu texto que fugindo da tristeza Josué energia em trabalho, um forma de alívio para o fardo cotidiano mas que infelizmente seu corpo não suportou o peso da saudade, constatamos esse fato através de trechos da obra “perfis parlamentares Josué de Castro” que apresenta o imenso desejo de Josué voltar ao Brasil, esperançoso ele imaginava poder voltar após o ano de 1975 quando completariam dez anos de cassação dos seus direitos, entretanto acabou falecendo no dia 24 de setembro de 1973.

O destino lhe pregava uma peça, quatro dias após o espetáculo da vida se esvaír de seu semblante, uma reposta a tantas exaustivas tentativas de revalidação do passaporte lhe foi concedida, a carta datada de 28 de setembro de 73 expressa

Exma. Sra.
D. Anna Maria de Castro

Saudações.

Incubiu-me o Sr. General Fontoura de dirigir-lhe estas linhas.

Trata-se da resposta que ficou de dar-lhe, pelo telefone. Entretanto, o assunto estava sendo tratado no Itamarati. Só hoje foi possível a resposta, aliás, favorável.

Lamenta, por outro lado, o general que a resposta tenha sido tardia e apresenta, por meu intermédio, seus pêsames.

Atenciosamente.

Cláudio Barbosa de Figueiredo
Cap AJ 0 ch SNI

(Fonte: Perfis Parlamentares – Josué de Castro, MELO e NEVES, 2007).

O cinismo estampado na carta não esconde o nível de perversidade imposto pela Ditadura a Josué, as consequências deixadas pela necrose sentimental do regime são retratadas em um trecho de uma carta escrita por sua filha Anna Maria de Castro em 2003 que está presente na obra “perfis parlamentares Josué de Castro” a dor é traduzida nas palavras comoventes de sua prole

Posso afirmar, sem qualquer pieguismo, que Josué de Castro morreu de depressão, morreu de tristeza, tristeza de estar longe de sua terra e de seus filhos. Tristeza de não poder viver e conviver com seus amigos Otávio Pernambucano, Fernando [Santana], Jamesson Ferreira, Cid Sampaio, Pelópidas Silveira, Barbosa Lima Sobrinho, Arraes e tantos outros. Não consigo esquecer seu desencanto, quando já doente, mais uma vez lhe foi negado o passaporte brasileiro, para que pudesse voltar ao Brasil. (Anna Maria de Castro, 2003 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.271)

O jornal, Rio de Janeiro, 30/9/1973” faz uma menção a morte de Josué com a manchete “De volta à Terra” com um desabafo de Barbosa de Lima Sobrinho “Como Pernambucano, muito me admiro que um homem do nível de Josué de Castro tenha sido obrigado a morrer no exterior. O país infelizmente não tem condições de manter um homem de sua cultura” (O JORNAL, 1973 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.248).

Retomando a análise da obra, Josué proporciona ao leitor de forma implícita e subjetiva passos que provavelmente ele trilhou, narrando com uma riqueza de detalhes que prendem o leitor instigando a imaginar como era o cotidiano dos moradores das regiões de mangue do Recife. Ao final do livro o protagonista some dentro do mangue após uma guerra que retrata possivelmente algum conflito ocorrido em Pernambuco, assim, podemos imaginar que essa analogia representa o seu exílio de quando ele é expurgado do país e passa a não ser mais visto, de modo que por ironia do destino tal fato iria se concretizar já que ele acaba falecendo sem ter retornado ao país.

Isso sinaliza a comprovação do ciclo do caranguejo, o ciclo que se refere em seu livro “Homens e Caranguejos”, e que se efetiva em sua vida, segue descrição do ciclo:

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, e outros ruídos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, acordando com as porcarias dela, lama a carinha branca de suas patas e a geleia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, como detrito para lama do mangue, virar caranguejo outra vez (Castro, 1935 *apud* FERNANDES E GONÇALVES, 2007, p.30).

O ciclo do caranguejo é cruel, ele designa o homem a lama, como fruto dela, como seu início, meio e fim. A Ditadura Militar foi cruel com Josué de Castro, o fez olhar para sua terra sem ter como solucionar seus problemas, sempre de longe, sempre à espreita, essa é uma de suas fortes representações, a de um homem exilado de sua própria terra, que amava à distância. Em correspondência para sua filha, sentimos sua angústia, segue trechos da carta:

Minha filha: (...) Recebi, também, sua carta de parabéns pelo aniversário, a qual me deu grande alegria. Sinto você toda nesta carta. Você insiste no mesmo ponto, que a vida é para ser vivida com o bom e o mau, mas sempre com grandeza, com mesquinhez, com coisas pequenas. Temos, pois, reagir e a reação está se formando contra o exército de pigmeus, de formigueiro de mediunidade que hoje morde o Brasil com toda a sua pele com um apetite e

uma ferocidade de formigas esfomeadas, mas que não passam de formigas - cegas, agitadas, cientes do mal que estão fazendo ao país, ao seu povo, ao mundo. (Castro, 1964 *apud* MELO e NEVES, 2007, p.243).

No trecho epistolar acima, observamos que Castro faz referência aos militares, enquanto um “*exército de pigmeus*”, de formigas que mordiam o Brasil pelas beiradas e que tinham ciência do mal que estavam causando ao país, e ao seu povo, continua:

[...] O correio da manhã pública artigos e informações que são de estarrecer. Informações sobre os métodos de torturas que os novos nazistas brasileiros estão usando e que certamente receberiam efusivas congratulações de Hitler e seus seguidores. E tudo isto feito para nada, na defesa de uma causa perdida: a do reacionarismo feudal brasileiro, apodrecido no clima decadente dos seus privilégios desumanos. É isto que me revolta. Esta agressão vergonhosa contra a grandeza do povo humilhado traído e vilipendiado. Não sei o que fazer a distância para ajudar esse povo. Talvez tentar mostrar o mundo que o Brasil não é apenas um país de vândalos, ineptos e insaciáveis de lucros e vinganças, mas, também, um país onde há homens que pensam e que se sentem como criaturas humanas (Castro, 1964 *apud* MELO e NEVES, 2007, p. 243).

“*Torturas que os novos nazistas brasileiros estão usando*”, mesmo de longe Josué sinaliza saber das atrocidades cometidas no período militar, das torturas, os sumiços (sequestros), silenciamentos, ele mesmo foi silenciado, exilado, afastado, deixado longe para ser esquecido. Mas, a história é a responsável por não deixar ninguém escapar, enquanto historiadores, estamos aqui para visitar, catalogar, catucar, e sobretudo, não deixar ninguém ser calado, ou esquecido, Josué de Castro foi retirado do lugar apagado e trazido aqui, como sempre mereceu.

5 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa atuou em três nortes, as ideias centrais são veiculadas a sua vida, obra e seu legado inseridos em um contexto de representatividade com âmbitos regionais, nacionais e mundiais. Esse contexto tem como intuito se fundir as suas bases de formação no aspecto pessoal, intelectual e familiar.

Desse modo, abordando e problematizando esses contextos buscamos criar um cenário possível para entender quem foi e como se lapidou a figura de Josué de Castro, em outro ponto a nossa problemática buscou envolver seu trabalho de forma geral, desde a clínica até sua atuação política e intelectual no exílio, atrelando teoria e prática em uma abordagem com o intuito de entender como essas duas esferas afetaram seu desempenho profissional.

Por fim, desenvolver um paralelo entre seu legado e a posteridade de sua obra, analisando mais especificamente como um movimento cultural surgido no Recife mais de vinte anos após sua morte auxiliou no processo de manutenção de sua imagem, indiretamente através de suas letras citando Josué de forma subjetiva e cativando os ouvintes a pesquisarem quem era Josué de Castro. Dentro do nosso arcabouço de fontes, encontram-se entrevistas e documentários problematizando a absorção de sua obra como um norte intelectual para o propósito da formação de seu movimento.

Através de visitas realizadas no instituto Joaquim Nabuco localizado na cidade do Recife, nos deparamos com um acervo de cerca de vinte três mil documentos, entre recortes de jornais, despachos, cartas e panfletos referentes a Josué, fizemos um trabalho de garimpagem separando documentos que apontavam desde o AI-1 sinalizando a obrigatoriedade de seu exílio até notas sobre seu falecimento. Foi possível interpretar “o arquivo como lugar de guarda da

memória coletiva, dos elementos fundadores da identidade social e de prova histórica dos acontecimentos do passado” (ASSIS, 2009, p.35).

Para além do acervo documental analisado, tivemos acesso a biblioteca que fica no mesmo prédio, porém em andares diferentes, de forma virtual buscamos um acervo de mais de quinhentos livros reunindo obras do próprio Josué e de outros autores que englobam um conjunto de obras envolvendo o mesmo tema. Já no Centro Josué de Castro, tive acesso a parte de um acervo de livros que citavam seu trabalho, recebi doações de obras, panfletos e materiais que estão presentes no trabalho. Tomamos o arquivo como

[...] uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará de história. O arquivo não escreve páginas de história. Descreve com as palavras do dia a dia, e no mesmo tom, o irrisório e o trágico, onde o importante para a administração é saber quem são os responsáveis e como puni-los (FARGE, 2009, p.14).

Foi essa “brecha no tecido dos dias” que nos encantou e nos fez surgir inquietações, o desejo de escrever sobre esse homem, que olhou para a sociedade a partir da pobreza e da fome, e deu outros sentidos aos estudos do seu contexto.

6 CONCLUSÕES

Ao passo que investigamos a vida e obra de Josué, obtivemos respostas satisfatórias relacionadas ao norte da pesquisa, de modo que constatamos uma negligência intelectual voltada a necessidade de uma abordagem detalhada sobre sua vida e obra, com o objetivo de difundir e apresentar seu protagonismo na História da Fome, buscamos expor desde aspectos positivos presentes em sua trajetória relacionados a títulos e premiações a mazelas históricas relacionadas a incompetência intelectual, social e política deflagrada pela ditadura da qual Josué foi alvo.

Através de seu percurso conseguimos absorver fragmentos subjetivos presentes em seu modo de lidar com o cotidiano, o estímulo gerado pela leitura de seus livros nos impulsionou a assim como ele denunciar temas tabus e quebrar paradigmas relacionados ao contexto do presente trabalho.

Se atenua a necessidade de visitação do legado de Josué a partir de perspectivas presentes não só no âmbito acadêmico de modo que suas raízes proporcionam um norte sólido para que um movimento cultural em especial utilizasse sua obra como uma forma de pensar o Recife, a relação do Movimento Mangubeat impulsionado por Chico Science, Renato Lins, Jorge Du Peixe, Fred Zero Quatro e os demais “Manguboys e Mangugirls” que através de debates, letras musicais e produções artísticas imortalizaram seu trabalho.

Levando a um público mais jovem que na década de 90 buscava algo novo, através de temas e debates antigos, eles pensaram o Recife fazendo uma ponte, como as várias que estão presentes à beira do Capibaribe, entre a representatividade do mangue, disparidades sociais que já eram pensadas por Josué e anseios que angustiavam o cotidiano dos moradores da Veneza brasileira, traduziram isso através da arte e recolocaram o nome de Josué na prateleira historiográfica do Brasil de onde ninguém devia ter nem pensando em tirar.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Ailton Alexandre De. **Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2009.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome (O dilema brasileiro: Pão ou aço)**. Ed.11 – Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- _____. **As condições de vida da classe operária no Recife: estudo econômico de sua alimentação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2015.
- _____. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Homens e Caranguejos**. Direção: Paulo de Andrade, Produção Executiva: Camila Góes, VISLUMBRA FILMES. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FW_zoO6iNeo.
- FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo**. Editora da Universidade de São Paulo- EDUSP. São Paulo, 2009.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Orgs. **Josué de Castro: vida e obra**. Ed.2. rev. e ampl. – São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MELO, Marcelo Mário de. NEVES, Teresa Cristina Wanderley, org. **Perfis Parlamentares - Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenadores de Publicações, 2007.
- NASCIMENTO, Aline de Jesus. **Roger Chartier: contribuições e perspectivas gerais de suas obras**. NAMID/ UFPB. 2017.
- VENANCIO, Giselle Martins. **Os Historiadores: Clássicos da História -Roger Chartier (1945-)**. Editora Vozes, 2014.
- Josué de Castro - Cidadão do Mundo, 1994**. Direção: Silvio Tandler. Produção executiva: Adolfo Lachtermacher. Locais: Recife, Rio de Janeiro, França e Portugal. Bárbaras Produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFzNVo8KIKg>.
- SALES, Teresa. **João Cabral e Josué de Castro: Conversam sobre o Recife**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANEXOS

ANEXO A – Repercussão da morte de Josué de Castro

Josué de Castro morre em Paris e corpo deverá ser sepultado no Recife

PARIS (UPI — DP) — Josué de Castro, o mundialmente famoso médico e sociólogo brasileiro, especialista em nutrição e ex-diretor geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), morreu ontem em Paris, e o seu corpo deverá ser trasladado para o Recife, onde será sepultado.

Josué de Castro, que desaparece aos 63 anos de idade, escreveu "Geografia da Fome" e muitos outros livros nos quais abordou as diferenças dos níveis de vida entre as nações pobres e as ricas.

Lecionou Geografia Humana na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Depois de ocupar altos cargos na administração pública brasileira, foi eleito diretor-geral do Conselho da FAO para o período de 1952/1956.

Nascido no Recife Josué de Castro destacou-se nos últimos anos em muitas campanhas internacionais destinadas a melhorar as condições de vida das nações em desenvolvimento.

Castro viveu os últimos anos em Paris, onde chefiava uma organização particular que se dedica ao estudo dos problemas de auxílio às áreas economicamente subdesenvolvidas.

O sociólogo brasileiro era portador da Legião de Honra, da Grande Medalha da Cidade de Paris, do Prêmio Internacional da Paz do Conselho Mundial da Paz, e de outras condecorações.

Josué de Castro foi encontrado morto ontem cedo por sua esposa. Sua morte foi atribuída a uma crise cardíaca. O corpo deverá ser trasladado para o Recife. Seu filho Fernando deverá chegar hoje a Paris.

Josué de Castro desfrutava de um grande prestígio internacional e participou como especialista em numerosos congressos onde era discutida a melhoria das condições de vida dos povos necessitados.

Toda uma vida dedicada aos problemas humanos

Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

ANEXO B – Anúncio de indicação ao Prêmio Nobel

telex *2071*
fp-upi-ansa-uh

NOBEL: JOSUÉ DE CASTRO CANDIDATO

○ PROFESSOR Josué de Castro anunciou ontem que aceitou o convite para dirigir o Centro Internacional para o Desenvolvimento, instituído em Paris pelo governo da França, com a colaboração das Nações Unidas. O eminente cientista brasileiro, que teve cassados os seus direitos políticos pelo novo governo do Brasil, foi igualmente recomendado por certas organizações como candidato ao Premio Nobel da Paz. Josué de Castro, ainda em Genebra (Suíça), onde presidia a delegação brasileira à Conferência do Desarmamento, seguirá ainda esta semana para Paris, a fim de assumir o seu novo cargo. Recebeu igualmente convites das universidades do Chile, Uruguai, Mexico, Peru e Cuba a fim de assumir catedras. Finalmente, como ex-presidente da Organização Mundial da Agricultura e da Alimentação da ONU (FAO) recebeu a solidariedade de todo o mundo científico contra a cassação de seus direitos políticos. *U.N.S.P. 24-4-54*

Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

ANEXO C – Anúncio de Cassação de Direitos Políticos

Cassação de Direitos Políticos Atingiu Ex-Presidentes, Magistrados e Marechal

RIO, 10 (F. T.) — Imediatamente após a promulgação do Ato Institucional pelos chefes militares, o Comando Revolucionário se decidiu pela cassação, por dez anos, dos direitos políticos das seguintes pessoas: João Goulart, Jânio Quadros, Miguel Arrais, Darci Ribeiro, Luis Carlos Prestes, Raul Riff, Valdir Pires, Luis Gonzaga Leite, Clemens Sampaio, Clodsmith Riani, Dante Pelacani, Hercules Correia, Samuel Wainer, Santos Vahlis, José Campelo Filho, Desembargador Osni Pereira Duarte, José Jofilli, marechal Osívino Ferreira Alves, Celso Furtado, Josué de Castro, João P. Neto, Djalma Maranhão, Ubaldino Santos, Raimundo Castelo Souza, Felipe Ramos, Paulo Santana, comandante Melo Bastos, ministro do Tribunal Federal de Recursos Olímpio Fernandes de Melo, Sílvio Braga, Hélio Ramos, Romão Neto, Nei Ortiz Borges e José Anselmo dos

Santos, ex-presidente da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais.

PARLAMENTARES PERDEM MANDATOS

RIO, 10 (F. T.) — O Comando Revolucionário se decidiu pela cassação dos mandatos dos seguintes deputados federais e senadores: Amauri Silva, Almino Afonso, Neiva Moreira, Ferro Costa, Sílvio Braga, Adail Barreto, Abelardo Jurema, Artur Lima, Francisco Julião, Lamartine Távora, Pelópides Silveira, João Dória, Maria Lima Ramôa, Bocaiuva Cunha, Fernando Santana, Pereira Nunes, Elói Dutra, sargento Garcia Filho, Max da Costa Santos, Roland Corbisier, Sérgio Magalhães, Leonel Brizola, José Aparecido, Clemens Artuda Sampaio, Paulo de Tarso, Moisés Lupion, Paulo Mincarone, Temperani Pereira, Salvador Losasco, Gilberto

Mestrinho, entre outros, pertencentes a bancada do norte e nordeste. O total de mandatos cassados deverá atingir a 110.

CÂMARA NÃO TOMOU CONHECIMENTO OFICIAL DO ATO INSTITUCIONAL

BRASILIA, 10 (F. T.) — O dep. Afonso Celso Ribeiro de Castro, no exercício da presidência da Câmara dos Deputados durante a sessão vespertina de ontem, afirmou que a presidência do Legislativo Federal não havia tomado conhecimento oficial de qualquer Ato Institucional. Na oportunidade, afirmou considerar como sagrado, para a presidência, a garantia de assegurar a tribuna para dela fazerem uso os parlamentares que o desejarem por que aquilo que aqui disserem os colegas ameaçados, será um grito de democracia ferida.



PINHEIRO



ELOI



FURTADO



LUPION



JUREMA



JOSUÉ



ALMINO



ARRAES



TEMPERANI



MAX



APARECIDO



OSIVINO



TARSO



MINCARONE



AMAURI



MAGALHÃES